O fazer museal coletivo do Museu das Favelas e a exposição "Sobre Vivências"

Danieli Giovanini do Carmo Leite
Museu das Favelas | São Paulo, SP, Brasil
danieli.leite@idg.org.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe237536

resumo O texto compartilha o processo de construção da curadoria colaborativa da exposição de longa duração "Sobre Vivências", em especial a seleção dos objetos museológicos para compor a nascente Coleção do Museu das Favelas. Partindo da premissa de trazer diferentes perspectivas sobre as favelas, sem romantizações ou estereótipos, o fazer museal da instituição estabelece-se nos princípios básicos comunitários. Logo, a aplicação da teoria acerca da função social do museu deve ser refletida em seus fazeres museais, sendo eles colaborativos, decoloniais e resilientes. No caso do Museu das Favelas, um museu de um pouco mais de dois anos de existência, o fazer museal é interpretado de modo alargado, se apropriando e sendo apropriado por seu papel social. Dessa forma, as práticas museológicas decolonizadoras caminham de encontro aos discursos desde a sua gênese.

palavras-chave museologia; museu das favelas; exposição; curadoria colaborativa; decolonialismo.

The collective museum practices of the Museu das Favelas and the exhibition "About Experiences"

abstract The text shares the process of constructing the collaborative curation of the long-term exhibition "About Experiences", especially the selection of museum objects to compose the nascent Favela Museum's Collection. Based on the premise of bringing different perspectives on the favelas, without romanticization or stereotypes, the institution's museum work is established on basic community principles. Therefore, the application of the theory about the social function of the museum must be reflected in its museum work, which must be collaborative, decolonial and resilient. In the case of the Museu das Favelas, a museum that has been in existence for a little over two years, museum work is interpreted in a broader way, appropriating and being appropriated by its social role. In this way, decolonizing museological practices go against the discourses from the beginning.

Keywords museology; favela museum; exhibition; collaborative curation; decolonialism;

Introdução

O texto propõe relatar a experiência do fazer museal coletivo do Museu das Favelas tendo como base o processo de curadoria colaborativa da exposição de longa duração "Sobre Vivências", em especial a seleção dos objetos museológicos expostos, incorporados à nascente Coleção da instituição.

Antes de discutir seus fazeres, se faz necessário apresentar o Museu das Favelas. Criado através do decreto n. 66.194, de 8 de novembro de 2021, é um equipamento da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, sediado na área central da capital paulista. Tem como missão conectar e garantir o protagonismo das múltiplas favelas brasileiras, preservando suas memórias e potencializando suas produções culturais, por meio de exposições, programações, ações educativas, pesquisa e difusão de

informação.

© Autoria: Pedro Napolitano Prata.

Figura 1. Fachada do prédio que abriga o Museu das Favelas. Novembro de 2024.

A exposição "Sobre Vivências", a primeira de longa duração da instituição, é fruto de um processo coletivo, que envolveu uma variedade de pessoas, desde aquelas que integravam a equipe do Museu das Favelas, em especial as áreas da Gerência de Conteúdo – Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca (CRIA) e o Núcleo de Educação – até colaboradores externos, que trabalharam em conjunto para expressar, sobretudo de forma ética, a complexidade e diversidade das histórias representadas, perpassando em todas as etapas, como planejamento, pesquisa, construção da narrativa expográfica, escrita de textos, seleção de prestadores de serviço e produção da exposição.

O consenso para o grupo era trazer diferentes perspectivas sobre as favelas, sem romantizações ou estereótipos do senso comum. Esse ideal comum foi facilitado em razão de não ser uma fala sobre o outro, mas uma fala sobre si próprio, já que uma premissa de contratação de funcionários e prestadores do Museu das Favelas é de que seja composta, majoritariamente, por pessoas oriundas de periferias, negras, indígenas e LGBTQIAPN+.

Quando ocorreu o 1° Encontro da Rede de Acervos Afro-Brasileiros, no dia 26 de setembro de 2024, a experiência foi apresentada, de modo sintético, na mesa "Gestão e Curadoria Compartilhada em museus e iniciativas museológicas de acervos afro-brasileiros". Naquele momento, a exposição "Sobre Vivências" não tinha ainda o seu nome, pois estava entre ideias, discussões, concepções e execuções sendo concebida, gestada e parida quase ao mesmo tempo, ainda com adaptações para ocupar o novo prédio, posto que em finais de agosto de 2024, o Museu das Favelas encerrou seu ciclo de ocupação do Palácio dos Campos Elíseos e iniciou em outubro a instalação no novo edifício,

localizado no Largo do Pátio do Colégio, também no município de São Paulo – SP. Porém, mesmo com tantos acontecimentos simultâneos, os ideais mais caros ao Museu foram mantidos e enfatizados nos seus fazeres, em um exercício de resistência e resiliência museal.

A opção pelo fazer coletivo reflete a temática em extremo complexa: as favelas no território brasileiro. Nesse contexto, as favelas são entendidas como todas as comunidades periféricas, aquelas que estão à margem do que é considerado o centro e a elite, que existe, resiste e se reinventa a partir das conexões e trocas coletivas. O Museu das Favelas, valorizando sua vocação, tem seu fazer museal baseado nos princípios básicos comunitários. Dessa forma, o fazer preconizado é interpretado de modo alargado, indo para além das ditas funções tradicionais do museu, se apropriando e sendo apropriado por seu papel social, a fim de decolonizar práticas e discursos desde a sua gênese.

Para falarmos da função social do museu, é necessário estabelecer os conceitos adotados acerca da Museologia e do museu nos fazeres museológicos do Museu das Favelas. Para tal, temos as referências de Bruno Brulon (SOARES, 2012), quando diz que a Museologia é uma ciência que entende o humano como um ser em movimento e o museu como um ato inacabado, sendo aquilo que fazemos dele; e Waldisa Rússio Guarnieri (1983 Apud BRUNO et al., 2010), quando defende que o objeto da Museologia é o fato museal – a relação profunda entre o homem e o objeto, dentro do cenário museu – parte da realidade a qual o homem pertence e sobre a qual tem o poder de agir (1981 Apud BRUNO et al., 2010). Alargando e atualizando o conceito, o fato museológico estaria na relação das comunidades com o patrimônio cultural em um determinado território. Assim, temos que a base do museu está na relação do ser humano com a própria vida, ou melhor, com a realidade por ele vivida.

Contextualizando no tempo e espaço, a inclusão do debate sobre atender as demandas sociais das comunidades pelos museus se dá a partir da metade do século XX, de forma crítica ao museu tradicional e seus processos museológicos, culminando no advento da Nova Museologia, tido por muitos como a expressão prática da mudança no papel social do museu, que passa a ser compromissado com o desenvolvimento social, focando nas pessoas, não apenas em suas Reservas Técnicas.

Mas, retornando ao tema principal, o que seria uma curadoria colaborativa? Essa simples pergunta pode resultar em respostas em extremo complexas. Segundo o "Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa" (2010), a definição de colaboração é "trabalho em comum com uma ou mais pessoas"[1] . Assim, podemos entender que uma curadoria colaborativa é o ato de pensar, selecionar, organizar e apresentar uma exposição através do trabalho em conjunto de muitas pessoas, onde o diálogo entre diferentes olhares, experiências e perspectivas é fundamental para alcançar um resultado que reflita o coletivo.

Em alguns casos, a curadoria colaborativa está dentro da tendência para a ressignificação de coleções de museus tradicionais, uma releitura no modo de comunicá-los através das exposições. Essa necessidade de ressignificação, em geral, é oriunda do exercício de novos profissionais, que trazem em seus corpos e trajetórias novas

[1] FERREIRA, 2010, p.174.

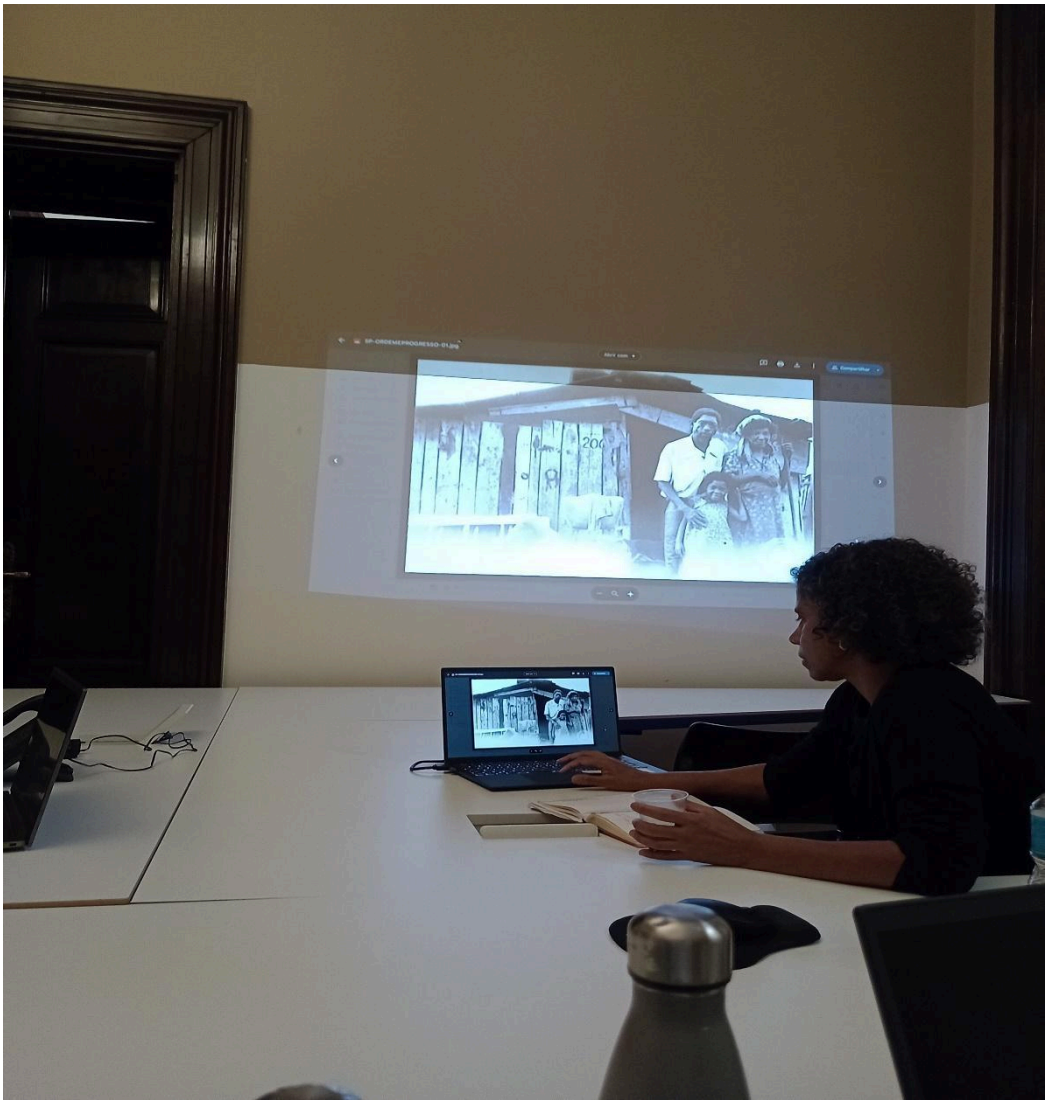
perspectivas museológicas, comprometidas com a função social dos museus, que atravessam os seus modos de fazer museal. Além disso, há ainda a demanda do público, que não aceita mais do mesmo e deseja se ver como pertencente ao espaço museal. Assim, termos como Museologia Social, Sociomuseologia e decolonialidade estão cada vez mais presentes nos vocabulários dos museus e de seus profissionais e, em alguma medida, na inspiração de suas ações.

Para o caso do Museu das Favelas, a curadoria colaborativa é o caminho coerente e lógico dentro de seus fazeres, posto que sua vocação é a da construção conjunta, do fazer museal colaborativo, decolonial e resiliente. Assim, essa foi a metodologia da curadoria de "Sobre Vivências", que priorizou o fazer em conjunto para construir o conceito e os conteúdos da exposição, além do processo de seleção dos objetos que passaram a compor o Acervo Museológico da instituição.

A escolha dessa curadoria demandou tempo, esforço, perseverança e resiliência. A colaboração entre os participantes, incluindo tanto membros do Museu, quanto colaboradores externos, permitiu uma troca de ideias e experiências. Esse trabalho conjunto priorizou garantir que a exposição capturasse a complexidade e a diversidade das histórias presentes e representadas, refletindo o esforço coletivo em todas as suas etapas.

© Autoria: Danieli Giovanni do C. Leite

Figura 2. Equipes do Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca e do Educativo do Museu das Favelas reunidas para construção conjunta de decisões curatoriais. Julho de 2024.



© Autoria: Danieli Giovanni do C. Leite

Figura 3. Vera Cardim, Coordenadora do Centro de Referência, Pesquisa e Biblioteca do Museu das Favelas, liderando as discussões colaborativas curatoriais. Julho de 2024.

Na construção dos módulos, a pesquisa e a seleção de acervo foram coletivas, com debates conjuntos sobre as linhas temáticas da exposição, construídas de modo a demonstrar a diversidade e a complexidade das vivências nas favelas e periferias, passando por temas como identidade, pertencimento, luta social, criatividade e inovação. Esses temas foram organizados em cinco módulos - Ser, Existir, Morar, Celebrar e Sonhar. Ser aborda as tendências, linguagens escritas e faladas das favelas, que difundem estéticas e identidades; Existir traz dados sobre as favelas e comunidades urbanas e reflexões sobre como esses dados foram, ao longo da história, utilizados de modo a invisibilizar as populações dessas áreas; Morar apresenta os diversos modos de habitar as favelas e periferias, explorando práticas, elementos do cotidiano e a intimidade dentro das casas; Celebrar traz as festas e os lazeres que acontecem nas ruas, becos, vielas, quintais, bares, associações, praças, entre outros tantos lugares; Sonhar apresenta ações de pessoas e grupos, que hoje pensam sobre seu passado e imaginam futuros possíveis.

Assim, a curadoria coletiva selecionou, a partir de discussões em conjunto, cada uma das imagens que entrariam na exposição, existindo um porquê para cada pessoa e situação retratada.

© Autoria: Jozzu

Figura 4. Detalhe do módulo expositivo "Ser" da exposição "Sobre Vivências". Dezembro de 2024.

Dentre as ações de pesquisa, foi realizado o mapeamento de museus comunitários, processos museológicos, iniciativas de memórias e acervos periféricos, de atuação a nível Brasil, com o objetivo de, a partir de organizações que já atuam nos territórios, privilegiar as organizações e os processos museológicos já em andamento, respeitando o trabalho realizado pelos que vieram antes. Assim, foram mapeadas 63 organizações, sendo selecionadas 19 para estabelecer contato inicialmente. Aceito o convite, foram realizados 12 encontros remotos, de modo a apresentar a proposta expositiva da nova exposição, como também detalhar como a parceria poderia se dar. A metodologia aplicada privilegiou encontros individuais, de modo a permitir uma aproximação maior, com o respeito às especificidades de cada instituição, além de apresentar as perspectivas museológicas do Museu das Favelas de forma mais adequada, ato necessário para quebrar possíveis barreiras e preconcepções acerca do Museu, sua temática e modo de atuação.

Como resultado concreto, a curadoria coletiva para a seleção dos objetos resultou, além da exposição dos mesmos, que permitiu e assegurou a sua presença na narrativa expográfica do módulo "Morar" da exposição "Sobre Vivências", na parceria com as seguintes iniciativas: Centro de Memória e Lutas Populares Ana Dias, Associação Atlética COHAB Juscelino e Adjacências (A. A. C. J.), Escola de Samba Lavapés Pirata Negro,

Jardim Miriam Arte Clube Jamac, Ilê Asé Iya Osun, Museu de Arte das Paneleiras do Espírito Santo (MAPES), Instituto Nova União da Arte (NUA), Artesanato Chave, Santo de Casa, Favelas.BR e Centro de Memória e Museu da Brasilândia.

© Autoria: Danieli Giovanni do C. Leite

Figura 5. Artistas paneleiras Josimere Lucidato e Jaqueline Campos ao lado da vitrine expositiva com objetos museológicos emprestados do MAPES e expostos no módulo "Morar" na exposição "Sobre Vivências". Fevereiro de 2025.

Cabe destacar que cada objeto escolhido para ser musealizado dentro do espaço museal do Museu das Favelas não se deu de forma aleatória pelas iniciativas; cada um deles traz em si memórias de seus territórios, autores e agentes. Por exemplo, os bonés de crochê do Artesanato Chave trazem as memórias que vão além das técnicas do crochê, das linhas

coloridas e dos dedos ágeis que forjaram os nós e pontos nos encontros da linha com a agulha, eles contam da resistência em um momento de encruzilhada da vida do autor, da necessidade de se reinventar e a esperança no futuro possível de ser construído. Ou cada um dos objetos selecionados pelas artistas de Goiabeiras, em Vitória, no Espírito Santo, reunidas pelo MAPES, que trouxeram através do barro trabalhado pelas mãos e queimado pelo fogo controlado pelo saber ancestral das artistas paneleiras, as frigideiras e os buiões (bules), a materialidade do se fazer se sentir em casa, com a panela que recebe a moqueca capixaba e buião que conserva o café para a mesa de bolo no meio da tarde. Ou, ainda, a fantasia da baiana da Escola de Samba Lavapés Pirata Negro, representada pelo adereço de cabeça exposto, que representa o significado do carnaval no cotidiano de muitas comunidades periféricas, que fazem do barracão da Escola sua casa por meses no ano, e a força da mulher em uma ala composta exclusivamente por mulheres, em sua maioria negras.

Assim, conclui-se que para tratar de uma temática tão complexa e rica quanto as favelas no território brasileiro, o Museu das Favelas cria e recria o seu fazer museal colaborativo e coletivo, se apropriando e sendo apropriado por ele, seguindo as bases comunitárias, de troca de saberes, fazendo valer de modo prático o decolonizar das práticas museais.

Referências

Bruno, Maria Cristina Oliveira; Araújo, Marcelo Mattos; Coutinho, Maria Inês Lopes. 2010. *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional.* São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 2010. *Mini Aurélio:* o dicionário da Língua Portuguesa, 174. Curitiba: Positivo.

Leite, Danieli Giovanini do Carmo. 2023. *HO Museu da Energia de São Paulo e a sua relação com o entorno.* Tese (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-24052023-095511/publico/DanieliGiovaniniREVISADA.pdf. Acessado em Fevereiro 26, 2025.

Soares, Bruno César Brulon. 2012. *A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do museu.* SRevista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST, 5, n.2. http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/216/200. Acessado em fevereiro 26, 2025.

sobre a autora

Danieli Giovanini do Carmo Leite

Mestre em Museologia pelo Programa de Pós-graduação em interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGMUS-USP), bacharel e licenciada pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Gestão da Comunicação

Integrada pelo Centro Universitário SENAC. Atualmente é museóloga no Museu das Favelas.

Autoria: A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 02/06/2025
Aprovado para publicação em 13/10/2025